



Cristãos Novos na Construção da Identidade Brasileira

Jane Bichmacher de Glasman*

Introdução

Gostaria de introduzir o tema a partir de três considerações:

1. Há uma significativa probabilidade estatística de brasileiros descendentes de ibéricos, principalmente portugueses, terem alguma ancestralidade judaica. A base histórica para tal é a imigração maciça de judeus expulsos da Espanha, em 1492, para Portugal, devido à contigüidade geográfica e às promessas (não cumpridas) do Rei D. Manuel I, que traziam esperança de sua sobrevivência judaica como tal. Mesmo com a expulsão de Portugal, em 1497, os judeus (além dos cristãos-novos e dos cripto-judeus ou marranos) chegaram a constituir 20 a 25% da população local.

2. O advento da Idade Moderna na História Geral, englobando os chamados “Grandes Descobrimentos”, correspondeu a um longo período de trevas medievais na História Judaica até o Iluminismo, tanto para *Ashkenazim* (judeus originários da Europa central) como para *Sefaradim* (de *Sefarad*, da Península Ibérica). Estes procuraram refúgio em países próximos no Mediterrâneo, norte da África, Holanda e nas recém-descobertas terras de além-mar nas Américas, procurando escapar da Inquisição. Até hoje é controversa a origem judaica ou criptojudaica de descobridores e colonizadores do Brasil, para onde imigraram incontáveis cristãos-novos, alternando durante séculos uma vida como judeus assumidos e marranos, praticando o judaísmo secretamente (fora os que permaneceram efetivamente católicos), de acordo com os ventos políticos, sob o domínio holandês ou a atuação da Inquisição, variando de um clima de maior tolerância e liberdade à total intolerância e repressão.

Resumo

Muito se tem pesquisado e discutido sobre as múltiplas raízes étnicas e culturais que formam o povo brasileiro e sua riquíssima cultura. Uma faceta menos conhecida é a dos marranos e cristãos-novos, que, desde o descobrimento, compõem um forte elo de base judaica, integrado de forma mais inconsciente do que cônica na construção da identidade nacional, refletida na cultura popular principalmente. **Palavras-chave:** Marranos – Cristãos-novos – Inquisição – Cultura Brasileira

*Professora-adjunto do Instituto de Letras, UERJ. Doutora em língua hebraica, literatura e cultura judaica. Coordenadora do setor de hebraico. E-mail: janeglasman@terra.com.br

3. Comparando apenas sob o ponto de vista cronológico, nem sempre lembramos que, enquanto o Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial foi tão devastador, especialmente nos quatro anos de extermínio maciço de judeus, a Inquisição durou séculos, pelo menos três dos cinco da história “oficial” do Brasil, isto é, após o descobrimento. Tantos séculos de medo, denúncias, processos e mortes geraram, por um lado, um ambiente psicológico de terror para os judeus e cristãos novos no Brasil; por outro, um anti-semitismo evidente ou subliminar que permaneceu arraigado na população, inclusive como autodefesa e proteção. Uma característica do comportamento de cristãos-novos “suspeitos” foi procurar ser “mais católicos do que os católicos”, buscando sobreviver à intolerância, determinando costumes exemplificados adiante.

Objetivos

O objetivo do presente trabalho é apresentar alguns exemplos de influência judaica na cultura brasileira e na língua portuguesa, a partir de uma ampla pesquisa sócio-lingüística que venho desenvolvendo há anos.

A opção por judaica (e não hebraica) deve-se a uma perspectiva filológica e histórica mais abrangente, englobando dialetos e idiomas judaicos, como o ladino (judeu-espanhol) e o ídiche (alemão), entre os mais conhecidos, além de expressões hebraicas, costumes e vocábulos judaicos que passaram a integrar o vernáculo a partir de subterfúgios e/ou corruptelas, cuja origem remonta à bagagem cultural de colonizadores judeus, cristãos-novos e marranos.

A citada alternância entre vidas assumidamente judaicas e marranas, praticando judaísmo em segredo, com costumes variados, unificados pela “camuflagem” de seu teor judaico, gerou comportamentos e aspectos culturais (abrangendo rituais, superstições, ditados populares, etc.) que se arraigaram à cultura nacional. A maioria da população desconhece que muitos costumes e dizeres que fazem parte da cultura brasileira têm sua origem em práticas criptojudaicadas. Apresentarei alguns exemplos bem como suas origens e explicações, a partir da origem judaica “marrana”.

Metodologia

Uma problemática questão que se configurou é como identificar estes costumes devido à parca bibliografia sobre o tema e ao receio de exposição, que levava inúmeras famílias a não comentarem suas práticas, além do sincretismo religioso brasileiro.

Nós, estudiosos da área, buscamos pesquisar, por um lado, em bibliografia da e sobre a Inquisição (seguindo seus rastros, processos e, principalmente, as instruções aos Inquisidores e os costumes denunciados como judaizantes). Por outro, desenvolvemos pesquisa de campo, entrevistando pessoas e/ou grupos que apresentam ou preservam a memória de costumes marranos, conscientemente ou não. Cabe mencionar como ferramenta útil e atual a Internet, que permite o intercâmbio de experiências humanas e acadêmicas, algumas das quais indicadas nas referências, no final do trabalho.

Localizando histórica e geograficamente

Em 1531, Portugal obteve de Roma a indicação de um Inquisidor Oficial para o Reino, e em 1540, Lisboa promulgou seu primeiro Auto-de-Fé. O Brasil passou a ser terra de exílio para réus de crimes comuns, bem como para judaizantes, ou seja, aqueles que se diziam cristãos-novos, porém continuavam a professar a fé judaica em segredo e /ou procuravam fazer com que outros cristãos-novos “retornassem” ao judaísmo.

Quando os judeus chegavam, desembarcavam na Bahia. Acompanhando a história de suas famílias, grande parte dirigia-se ao sul, fixando-se no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, ou seguiam em direção ao norte, principalmente Pernambuco e Pará. Esses Estados foram bastante influenciados por uma série de costumes judaicos.

De terra de exílio, o Brasil passou a colônia. Em 1591 um oficial da Inquisição foi designado para a Bahia, a então capital do país. Em 1624, a Inquisição de Lisboa processou pela primeira vez 25 judaizantes brasileiros. Julgados e condenados, alguns foram deportados para Portugal e queimados, como Antônio Félix de Miranda (primeiro judeu deportado da Colônia) e outros, condenados a cárcere perpétuo.

Podemos citar centenas de nomes e sobrenomes de judaizantes e números de seus dossiês, desde a instalação da Inquisição no Brasil, a partir dos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, e de livros como Wiznitzer (1966), Carvalho (1982), Falbel (1977), Novinsky (1983), Dines (1990), Cordeiro (1994), etc. Contudo, não podemos afirmar que todo brasileiro cujo sobrenome conste dos processos seja descendente direto de judeus portugueses.

Sob o domínio holandês, os judeus puderam observar a religião com relativa liberdade. Contudo, em 1638, o Sínodo proibiu a celebração do serviço religioso judaico nas ruas e edifícios públicos, o que foi ignorado, atraindo a ira e protestos de cristãos. Com frequência, judeus eram punidos sob a acusação de blasfêmia, de difícil defesa.

Largman (2003, wp¹), reportando a Gonsalves de Mello (1979), levantou:

uma lista de ofícios e ocupações exercidas pela gente da nação: carregadores de navios (127), compradores de negros escravos (115), comerciantes de roupa, tecidos, vinho, açúcar, alimentos, madeira, etc., (46) donos de engenho (4), médicos (6), professores de garotos e da Lei de Moisés (4), *chacham* (termo que engloba sábio, mestre, rabino, conselheiro) (5). Ceramistas, ourives, intérpretes oficiais, havia dois em cada atividade; aparecem também dois atores, além de um nas categorias de advogado, calígrafo, estudante de filosofia, tradutor e músico. De resto, 7 militares, em diversos escalões. Em 1642, proibiu-se aos judeus realizarem comédias, sinal que, de alguma forma, encenações teatrais eram realizadas.

Exemplificando e explicando

Costumes alimentares: Lopes (2003, wp), conta que:

A comida era uma pista preciosa para flagrar os hebreus renitentes. Os judeus são proibidos pela Torá de comer carne de porco, porque tem os cascos fendidos e não ruma, sendo, portanto impuro... Para simular o abandono desse princípio e enganar espiões da Inquisição, os cristãos-novos inventaram as alheiras, hoje típicas da região de Trás-os-Montes. São embutidos à base de carne de vitelo, pato, galinha, peru, coelho - e nada de porco. Após algumas horas de defumação já podem ser con-

sumidos. Os espiões surpreendiam cristão-novo e sua família se deliciando com as alheiras, e achavam que comiam um embutido feito com carne de porco.

A *Torá* (Pentateuco, base da lei judaica) veta igualmente o consumo do sangue dos animais e aves “porque a alma de todo ser vivo está no sangue” (Levítico 17:11). Os açougues judeus (banidos pela Inquisição) vendem a carne *kasher* (apropriada para o consumo). O animal é abatido por um *shochet* (profissional especializado segundo um ritual: a morte deve ser rápida, para que o animal sofra o mínimo possível e drene a maior quantidade possível de sangue). Podemos exemplificar, a partir de processos da Inquisição relacionados à *Kashrut* (leis dietéticas judaicas) o caso da cristã-nova Maria Soares, denunciada em 1623, pela própria filha, acusada de lavar a carne do açougue, deixá-la de molho, esfregar-lhe sal e enxaguá-la, para retirar o sangue e o de Catarina Lopes, que denunciou a sogra por abater carneiros da mesma forma que o *shochet*.

Entre outros costumes alimentares podemos citar:

- Matar o animal sangrando, isto é, drenando todo o sangue. Um dos mandamentos mais praticados no judaísmo é não comer sangue (Lv 7:26; Dt 12:16; At 15:20, etc.);

- Antes de beber, derramar parte do copo ou cálice para o “santo”. Esta tradição tem origem no rito milenar judaico de reservar na festa de *Pessach* (Páscoa, celebração do Êxodo) um cálice de vinho para o profeta Elias;

- Lavar as mãos no sentido de inocência ou como higiene antes das refeições, que são preceitos bíblicos e judaicos (Dt 21:6-7; Sl 73:13; Mt 15:2).

Cabe observar o uso de fontes inclusive do Novo Testamento.

DaCosta (2001, wp) menciona outros hábitos, desconhecendo sua origem, como:

A prática de jejuns era comum. (...) Às vezes também se retiravam os nervos, com uma faca especial para tal. Ovos com mancha de sangue eram jogados fora. (...) Não era permitido cozinhar carne e leite juntos. Às vezes esperava-se um certo tempo entre a ingestão do leite e da carne. Comia-se apenas comida preparada pela mãe ou pela avó mater-

na. (...) Costumava-se beijar qualquer pedaço de pão que cai no chão. (...) Havia certas restrições quanto aos tipos de peixe comestíveis: os peixes “de couro” (sem escamas) não serviam para consumo, e às vezes só os peixes do mar podiam ser ingeridos. Moluscos e mariscos também eram proibidos. (...) Em algumas casas de famílias cristãs-novas, na mesa de jantar, havia gavetas, que serviam para esconder a comida kasher, a comida recomendada pela Torá, caso chegasse uma visita inesperada.

Alguns costumes, já mencionados, têm origens bíblicas em *mitzvot* (preceitos) da Torá, relacionados à *Kashrut*. Outros são de origem rabínica *haláchica* (encaminhamentos legais talmúdicos, pós-bíblicos, procurando explicitar e adequar os preceitos originais às circunstâncias cambiantes da vida), literatura à qual não judeus não teriam acesso. Por exemplo:

- Lavar as mãos antes e após as refeições e separar carne de leite são preceitos rabínicos (lavar as mãos – *Sifra a Levítico* 15:11; usar um utensílio para tal – *Mishna Yadayim*; separar carne do leite – *Hulin* 8:12).

- Experimentar o fio da faca na unha do animal antes do abate, consta da literatura talmúdica (*Talmud Babilônico, Hulin* 17b) e no *Shulchan Arukh (Yorê Deá* 18:19). O Édito de Fé de 1639 menciona o uso da unha.

- Retirar a gordura e expurgar o sangue são preceitos bíblicos; cozer, escaldar e salgar a carne são rabínicos (*Talmud Babilônico, Hulin* 103a e *Mishnê Torá de Maimônides*, “Alimentos Proibidos” 6:10).

- Não ingerir sangue é explicitamente bíblico, mas a mancha no ovo é rabínica (*Talmud Babilônico, Hulin* 64b).

Cabe destacar a menção da mesa de jantar com gavetas, um dentre vários artifícios para proteger-se da Inquisição.

Outro aspecto a considerar é que certos costumes estão ligados a mais de uma “categoria”, se fossemos dividi-los didaticamente, além de contar um elemento subliminar sincrético. Outro ainda, bem mais amplo, que venho estudando e nosso espaço só permite alguns exemplos:

Expressões e dizeres populares de origem cristã-nova e/ou cripto-judaica:

Apresentarei alguns exemplos bem como suas origens e explicações, a partir da origem judaica “marrana”.

Gente da nação é uma das denominações para designar marranos, judeus, cristãos-novos e cripto-judeus, embora existam diferenças entre termos e personagens.

Cristãos-novos foi denominação dada aos judeus que se converteram em massa na Península Ibérica nos séculos XIII e XIV; é preconceituosa devido à distinção feita entre os mesmos e os “cristãos-velhos”, concretizado nas leis espanholas discriminatórias de “*Limpieza de Sangre*” do século XV.

Cripto-judeus eram os cristãos-novos que mantiveram secretamente seu judaísmo. Gente da nação era a expressão mais utilizada pela Inquisição e Marranos, como ficaram mais conhecidos. Embora todos fossem descendentes de judeus, só poucos voltaram a sê-lo, e em países e épocas que o permitiram.

O próprio termo marrano possui uma etimologia diversificada e antitética. Unterman (1992, p.166) conceitua de forma tradicional, como “nome em espanhol para judeus convertidos ao cristianismo que se mantiveram secretamente ligados ao judaísmo. A palavra tem conotação pejorativa”, geralmente aplicada a todos os cripto-judeus, particularmente aos de origem ibérica. Em 1391 houve uma maciça conversão forçada de judeus espanhóis, mas a maioria dos convertidos conservou sua fé. Já Cordeiro (1994) afirma que a tradução por “porco” em espanhol tornou-se secundária diante das várias interpretações existentes na historiografia do marranismo.

Para o historiador Cecil Roth (1967), marrano, velho termo espanhol que data do início da Idade Média que significa porco, aplicado aos recém-convertidos (a princípio ironicamente devido à aversão judaica à carne de porco), tornou-se um termo geral de repúdio que no século XVI se estendeu e passou a todas as línguas da Europa ocidental.

A designação expressa a profundidade do ódio que o espanhol comum sentia pelos conversos com quem conviviam. Seu uso constante e cotidiano carregado de preconceito turvou o significado original do vocábulo.

Antes de exemplificar a contribuição lingüística marrana, convém ressaltar que a vinda dos portugueses para o Brasil trouxe consigo todos os empréstimos culturais e lingüísticos que já haviam sido incorporados ao cotidiano ibérico, desde uma época anterior à Inquisição, além de novos hábitos e características; muitas palavras e expressões de origem hebraica foram incorporadas ao léxico da língua portuguesa mesmo antes de os portugueses chegarem ao Brasil. Elas encontram-se tão arraigadas em nosso idioma que muitas vezes têm sua origem confundida como sendo árabe ou grega. Exemplo: “azeite”, comumente atribuída uma origem árabe por se assemelhar a um grande número de palavras começadas por “al-” (como alface, alfarrábio, etc.), identificadas como sendo de origem árabe por esta partícula corresponder ao artigo nesta língua. O artigo definido hebraico é a partícula “a-” e “azeite” significa, literalmente, em hebraico “a azeitona” (*ha-zait*).

Apesar da presença judaica por tantos séculos em Portugal como no Brasil, as perseguições resultaram também em exclusões vocabulares. A maior parte dos hebraísmos chegou ao português por influência da linguagem religiosa, particularmente da Igreja Católica, fazendo escala no grego e no latim eclesiásticos, quase sempre relacionados a conceitos religiosos, exemplos: *aleluia*, *amém*, *bálsamo*, *cabala*, *éden*, *fariseu*, *hosana*, *jubileu*, *maná*, *messias*, *satanás*, *páscoa*, *querubim*, *rabino*, *sábado*, *serafim* e muitos outros.

Algumas palavras adotaram outros significados, ainda que relacionados à idéia do texto bíblico. Exemplos: *babel* indicando bagunça; *amém* passando a qualquer concordância com desejos; *aleluia* usada como interjeição de alívio.

O preconceito marca palavras originárias do hebraico usadas de forma depreciativa, como: *desmazelo* (de *mazal* - negligência, desleixo), *malsim* (de *mashlin* - delator, traidor), *zote* (de *zot* / subterrâneo, inferior, parte de baixo - pateta, idiota, parvo, tolo), ou *tacanho* (de *katan* - que tem pequena estatura, acanhado; pequeno; estúpido, avarento); além de palavras relacionadas a questões financeiras, como *cacife*, derivada de *kessef* = dinheiro.

Dezenas de nomes próprios têm origem hebraica bíblica, como: Adão, Abraão, Benjamim, Daniel, Davi, Débora, Elias, Ester, Gabriel, Hi-

ram, Israel, Ismael, Isaque, Jacó, Jeremias, Jesus, João, Joaquim, José, Judite, Josué, Miguel, Natã, Rafael, Raquel, Marta, Maria, Rute, Salomão, Sara, Saul, Simão e tantos outros. Alguns destes, na verdade, são nomes aramaicos, oriundos da Mesopotâmia, como Abraão (*Avraham*), que se incorporaram ao léxico hebraico no início da formação do povo hebreu.

Como mencionei anteriormente, podemos citar inúmeros sobrenomes de cristãos-novos a partir de registros da Inquisição no Brasil. Sobrenomes muito comuns, tanto no Brasil como em Portugal, podem ser atribuídos a uma origem sefardita, já que uma das características marcantes das conversões forçadas era a adoção de um novo nome. Muitos conversos adotaram nomes de plantas, animais, profissões, objetos, etc., e estes podem ser encontrados em famílias brasileiras, até hoje, em número tão grande que seria difícil enumerá-los. Exemplos: Alves, Carvalho, Duarte, Fernandes, Gonçalves, Lima, Silva, Machado, Paiva, Rocha, Santos, etc. Não devemos excluir a possibilidade da existência de outros sobrenomes portugueses de origem judaica.

Porém é importante ressaltar que não se pode afirmar que todo sobrenome encontrado nos autos seja derivado de judeus portugueses; para se ter certeza é necessária uma pesquisa profunda da árvore genealógica das famílias.

Há ainda algumas palavras e expressões oriundas do misticismo judaico, tão desenvolvido na idade média. O estudo do *Talmud* e da *Cabalá* trouxe também contribuições do aramaico, como a conhecida expressão “*abracadabra*”, que é tida pela nossa cultura como uma “palavra mágica” (num sentido fabuloso), mas que, na realidade pode ser traduzida como “criarei à medida que falo” (num sentido real e sólido para a cultura judaica).

Algumas palavras também designam práticas judaicas ou formas de encobri-las, especialmente observável nos costumes alimentares. Por exemplo: os judeus são proibidos pela *Torá* de comer carne de porco, porque tem os cascos fendidos e não ruma, sendo, portanto, impuro. Para simular o abandono desse princípio e enganar espíões da Inquisição, os cristãos-novos inventaram as alheiras, embutidos à base de carne de vitelo, pato, galinha, peru - e nada de porco. Após algumas horas de defumação já podem ser con-

sumidos. Da mesma forma, peixes “de couro” (sem escamas) não serviam para consumo.

Passando às expressões, apresento alguns exemplos, sua origem e explicação:

- “Ficar a ver navios” - Em 1492 foi determinado que os judeus que não se convertessem teriam de deixar a Espanha até ao fim de julho. Centenas de milhares então se fixaram em Portugal. O casamento do rei D. Manuel com D. Isabel, filha dos Reis Católicos, levou-o a aceitar a exigência espanhola de expulsar todos os judeus residentes em Portugal que não se convertessem ao catolicismo, num prazo que ia de Janeiro a Outubro de 1497. O rei Dom Manuel precisava dos judeus portugueses, pois eram toda a classe média e toda a mão-de-obra, além da influência intelectual. Se Portugal os expulsasse logo como fez a Espanha, o país passaria por uma crise terrível. Na realidade D. Manuel não tinha qualquer interesse em expulsar esta comunidade, que então constituía um destacado elemento de progresso nos setores da economia e das profissões liberais. A sua esperança era que, restando os judeus no país, os seus descendentes pudessem eventualmente, como cristãos, atingir um maior grau de aculturação. Para obter os seus fins lançou mão de medidas extremamente drásticas, como ter ordenado que os filhos menores de 14 anos fossem tirados aos pais a fim de serem convertidos. Então fingiu marcar uma data de expulsão na Páscoa. Quando chegou a data do embarque dos que se recusavam a aceitar o catolicismo, alegou que não havia navios suficientes para os levar e determinou um batismo em massa dos que se tinham concentrado em Lisboa à espera de transporte para outros países. No dia marcado, estavam todos os judeus no porto esperando os navios que não vieram. Todos foram convertidos e batizados à força, em pé. Daí a expressão: “ficaram a ver navios”. O rei então declarou: não há mais judeus em Portugal, são todos cristãos (cristãos-novos). Muitos foram arrastados até a pia batismal pelas barbas ou pelos cabelos.

- “Pensar na morte da bezerra”: frase tão comumente dita por sertanejos quando querem referir-se a alguém que está meditando com ares de preocupação: “está pensando na morte da bezerra”. Registram as denúncias e as confissões feitas ao Santo Ofício, a noção popular, naquele

distante período, do que seria o livro fundamental do judaísmo: a Torá. De *Torá* veio Toura e depois, bezerra, havendo inclusive quem afirmasse ter visto em cara de alguns cristãos-novos, o citado objeto, com chifres e tudo.

- “Passar a mão na cabeça”, com o sentido de perdoar ou acobertar erro cometido por algum protegido, é memória da maneira judaica de abençoar de cristãos-novos, passando a mão pela cabeça e descendo pela face, enquanto pronunciava a bênção.

- Seridó, região no Rio Grande do Norte, tem seu nome originário da forma hebraica contraída: Refúgio dele. Porém, não é o que escreve Luís da Câmara Cascudo, indicando uma origem indígena do nome da região, de “ceri-toh”. Em hebraico, a palavra *Sarid* significa sobrevivente. Acrescentando-se o sufixo *ó*, temos a tradução sobrevivente dele. A variação *Serid*, “o que escapou”, pode ser traduzido também por refúgio. Desse modo, a tradução para o nome *seridó* seria refúgio dele ou seus sobreviventes.

- Passar mel na boca: quando da circuncisão, o rabino passa mel na boca da criança para evitar o choro. Daí a origem da expressão: “Passar mel na boca de fulano”.

- Para o santo: o hábito sertanejo de, antes de beber, derramar uma parte do cálice, tem raízes no rito hebraico milenar de reservar, na festa de *Pessach* (Páscoa), um copo de vinho para o profeta Elias (representando o Messias que virá, anunciado pelo Profeta Elias).

- “Que massada!” –usada para se referir a uma tragédia ou contra-tempo, é uma alusão à fortaleza de Massada na região do Mar Morto, Israel, reduto de *Zelotes* que permaneceu anos resistindo às forças romanas após a destruição do Templo em 70 d.C., culminando com um suicídio coletivo para não se renderem, de acordo com relato do historiador Flávio Josefo.

- “Pagar *siza*”, significando pagar imposto, vem do hebraico e do aramaico (*mas* = imposto, em hebraico de *misa*, em aramaico).

- “Vestir a carapuça” ou “a carapuça serve para...” vem da Idade Média inquisitorial, quando judeus eram obrigados a usar chapéus pontudos (ou com 3 pontas) para serem identificados.

- “Fazer mesuras” origina-se na reverência à *Mezuzá* (pergaminho com versículos de Dt.6,

4-9 e 11,13-21, afixado, dentro de caixas variadas, no batente direito das portas).

- “Deus te crie” após o espirro de alguém é uma herança judaica da frase *Hayim Tovim*, que pode ser traduzido como tenha uma boa vida.

- “Pedir a bênção” aos pais, ao sair e chegar em casa, é prática judaica que remonta à bênção sacerdotal bíblica, com a qual pais abençoam os filhos, como no *Shabat*.

- “Entrar e sair pela mesma porta traz felicidade” bem como varrer a casa da porta para dentro, costume arraigado até os dias de hoje, para “não jogar fora a sorte” é uma camuflagem do respeito pela *Mezuzá*, afixada nos portais de entrada, bem como aos dias de faxina obrigatória religiosa judaica, como antes do *Shabat* e de *Pessah*.

- “Apontar estrelas faz crescer verrugas nos dedos”, superstição que se contava às crianças. Como o dia judaico começa na véspera, no anoitecer, o início é marcado pelo despontar das primeiras estrelas no céu, se alguém fosse visto contando estrelas em público, seria suspeito.

Os últimos exemplos citados envolvem *Shabat* e vida cotidiana. Apresentarei outros ligados a estes, envolvendo de Festas Judaicas até o Ciclo da Vida.

Objetos e Costumes Familiares

- Em casas de descendentes de cristãos novos, vários objetos são encontráveis como Estrela de David, usada em paredes e em jóias (às vezes vista como amuleto); *Menorá*, candelabro de 7 braços lembrando o do Templo de Jerusalém; *Mezuzá* ou marcas de prego que sustentavam *mezuzot* ou até espaços dentro das paredes onde eram mantidas ocultas; *Sevivon ou dreidel* (pião) usado em *Hanuká* (Festa de rededicação do Templo sob domínio Selêucida); *Kipá* (solidéu), podendo variar em cores e formato; *Talit* (xale de oração); *Tefilin* (caixinhas pretas com textos bíblicos, com correntes de couro, enroladas em torno do braço e a outra presa à testa). Em alguns casos eram escondidos sob os pés de imagens católicas. Este tipo de esconderijo gerou o costume marrano de “beijar os pés ou a imagem do(a) santo(a)”, como no título do livro de Alexy (1993), “A Mezuzá aos pés da Madona”.

-Manterem-se unidos e a tradição de celebrar de festas em família. Educar seus filhos nos

melhores colégios, normalmente de irmandades religiosas, costume que vem do tempo da perseguição inquisitória em Portugal, para ocultar sua identidade judaica, como verdadeiros cristãos-novos (também contratavam mestres particulares para educação dos filhos).

- Passar a mão na cabeça no sentido de perdoar, acarinhar ou ignorar uma falta de alguém, é relatado também como um tipo de bênção judaica.

Costumes ligados ao ciclo de vida

Nascimento: Depois do nascimento, a mãe deveria durante 30 dias permanecer em repouso na cama, costume que tem origem na *Torá* e no *Talmud*, cujo tratado *Nidá* detalha o tema. Ainda durante o período, chamado popularmente de “resguardo”, encontramos relato sobre a mulher só comer frango para ter “sustância”, força para a recuperação. Pode ser sincrético, mas lembremos que a canja de galinha é considerada, com humor, “a penicilina judaica”.

Outros costumes como dizer uma oração 8 dias depois de nascimento na qual o nome do bebê é citado; realizar a circuncisão ou batizar o menino ao 8º dia de nascido e acender uma vela ou lamparina no quarto onde o parto ocorreu, porque o menino não podia ficar no escuro até ser batizado (ou circuncidado), remetem a práticas de *brit-milá* (circuncisão) e de *pidion há-ben* (resgate do primogênito), rituais bíblicos com detalhamento rabínico, além de envolverem superstições oriundas do misticismo judaico – como proteger o recém-nascido de *Lilit*, a mítica primeira mulher de Adão, conforme relatado na literatura talmúdica e ampliada na *Cabalá*, originando até o uso de amuletos.

Matrimônio: Os noivos jejuarem no dia do casamento; na cerimônia, as mãos dos noivos serem envoltas por um pano branco, enquanto faz-se uma oração; depois, servir uma refeição leve; noivo e noiva compartilharem do mesmo prato e copo, são na maioria, práticas mantidas até hoje na ritualística judaica do casamento, como o jejum dos noivos no dia e a *Seudá* (refeição) conjunta após a cerimônia, na qual o noivo bebe do cálice de vinho, após as *brachot* (bênçãos) e dá à noiva para beber do mesmo, que gerou o dito popular brasileiro: “quem bebe do mesmo copo

fica sabendo dos segredos do outro”. Cobrir com um pano branco pode ser alusão à *hupá* (dossel nupcial), sob a qual os noivos permanecem durante a cerimônia.

Festas: Celebrar a Páscoa e jejuar durante a Semana Santa; as datas de *Pessah* e da Páscoa (judaica e cristã) freqüentemente coincidem. Limpar a casa nas sextas-feiras durante o dia e acender velas à noite e não fazer qualquer coisa, nem lavar cabelo, fora realizar alguma reunião familiar. Aos sábados, usar roupas especiais, novas ou limpas; acender velas diante do oratório e deixar queimar até o fim do dia. Comemorações diferentes das católicas, como o “Dia Puro” (*Yom Kipur*, Dia do Perdão, jejum judaico). Era costume de alguns acender no Natal 8 velas. Além do varrer a casa para dentro ligado a *Shabat* e *Pessah*.

Ritos Fúnebres: Cobrir todos os espelhos da casa. Lavar o corpo com água trazida da fonte em um recipiente novo que nunca tenha sido usado, e vestir o corpo em roupas brancas, as mortaldas. Velar o corpo um dia e levar à igreja e de lá ao cemitério. Jogar um punhado de terra sobre o caixão quando este é descido à sepultura. Durante uma semana manter o quarto do finado iluminado e a casa da família enlutada fechada ao máximo, com incenso queimando pelos cômodos. Os homens não se barbearem durante 30 dias. Estes costumes são judaicos e ainda mantidos, envolvendo o tratamento ao morto (*Kibud há-met*) e o período de luto, dividido em *Shivá* (7, a semana de luto mais fechado), *Shloshim* (30 dias, o primeiro mês após a morte) e um ano, quando se faz a descoberta da *Matzeivá* (lápide tumular) ao final e durante o qual reza-se *Kadish* (oração dos enlutados, Santificação) diariamente. No catolicismo, deram origem ao velório e às missas de corpo presente, de 7º dia e de 30º dia. Outros costumes relatados e/ou registrados envolvem uma mistura de práticas da *tzedaká* (caridade) judaica com superstições tanto da *Cabala* quanto sincréticas, como: não comer carne uma semana depois de uma morte na família; jejuar no 3º e 8º dias; fazer a cama do defunto com linho fresco e queimar uma luz perto dela durante um ano; as parentas deveriam cobrir suas cabeças com uma manta. Dar esmolas em toda esquina antes da procissão funerária chegar ao cemitério; dar pelo menos para um mendigo um

terno completo, e comida aos sábados durante um ano; ter várias luzes iluminando em véspera de Dia Puro, em memória do defunto. Em algumas cidades havia o chamado “abafador”, que deveria ajudar alguém gravemente doente a ir embora antes que um médico viesse examiná-lo e descobrisse que o enfermo é judeu. O abafador, a portas fechadas, sufocava o doente, proferindo a frase “Vamos, meu filho, Nosso Senhor está esperando!”; o corpo era recomposto e o abafador dava a notícia aos parentes: “ele se foi como um passarinho”.

Conclusão

Quando estudamos a cultura de um povo, procuramos determinar suas origens bem como suas influências. Com o judaísmo não poderia ser diferente: muitos costumes têm origem pagã; por outro lado, é a religião da qual originou-se o cristianismo (e o islamismo), formando a base da civilização ocidental. Além disso, principalmente devido à Inquisição, o judaísmo foi influenciado pelo cristianismo, do qual assimilou outras práticas ou teve suas alteradas.

Para concluir, gostaria de mencionar um tema polêmico decorrente deste intercâmbio cultural-religioso: sua influência no português, em vocábulos que adquiriram uma conotação pejorativa e negativa. Os mais discutidos são: judeu, significando usurário, o verbo judiar (e o substantivo judiação) com o sentido de maltratar, torturar, atormentar. Seja sua origem a prática de “judaizar” (cristãos-novos mantendo judaísmo em segredo e/ou divulgando-o a outros), seja como referência ao maltrato e às perseguições sofridas pelos judeus durante a Inquisição, o fato é que, sem dúvidas, sua conotação é negativa, e cabe a nós estudiosos do assunto e vítimas do preconceito, esclarecer a população e a mídia, alertando e visando à erradicação deste uso, não só pelo desgastado “politicamente correto”, que leva a certos exageros, mas para uma conscientização do eco subliminar de um longo passado recente, pelo qual não basta o pedido de perdão, se não conduzir a uma mudança no comportamento social.

Referências Bibliográficas

- ALEXY, Trudi. The Mezuzá in the Madonna's foot. EUA: Simon & Schuster 1993.
- CARVALHO, Flávio M de. Raízes judaicas no Brasil. São Paulo: Arcádia, 1992.
- CORDEIRO, Hélio. Os Marranos e a Diáspora Sefardita. São Paulo: Capital Sefarad, 1994.
- DACOSTA, Yaacow. Costumes de Cristãos novos nas tradições familiares brasileiras site www.geocities.com/brasilesefarad/costumes.htm 2001
- DINES, Alberto. Vínculos do fogo. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- FALBEL, Nachman & GUINSBURG, Jacó. (org.) Os marranos. São Paulo: CEJ-USP. 1997.
- GONSALVES DE MELLO, José Antonio Gente da Nação In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Vol LI, 1979.
- GUIMARÃES, Manuel. À Mesa com a História. Sintra, Portugal: Colares, 2000.
- HALEVY, Schulamith & DERSHOWITZ, Nachum. Obscure Practices among New World Anusim Artigo no site www.cs.huji.ac.il/~schalevy/sch/anusim.html
- LARGMAN, Esther. Aspectos da vida judaica sob o domínio holandês no nordeste Revista Morashá, Edição 40, março de 2003 www.morasha.com.br
- LOPES, J. A. Dias, A santa comida da Inquisição, Jornal Estado de São Paulo, 7 de fevereiro de 2003. www.estado.com.br/editorias/2003/02/07/cad044.html
- NOVINSKY, Anita. A Inquisição. Ed. Brasiliense. São Paulo: 1983.
- ROTH, Cecil (ed.) Enciclopédia Judaica. Rio de Janeiro. Tradição, 1967.
- UNTERMAN, Ala. Dicionário Judaico de Lendas e Tradições. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- WIZNITZER, Arnold. Os Judeus no Brasil Colonial, São Paulo: Pioneira, 1966.

Notas

¹Wp= web page, página da Internet

Abstract

There has been a lot of research and discussion on the multiple ethnic and cultural roots which form Brazilian people. One aspect less known concerns to *Marranos* and New-Christians who, since the Discovery of the country by Portugal, constitute a strong Jewish base connection, unconsciously integrated in the construction of national identity, reflected mainly in the Popular Culture.

Key-words: Crypto-Jews; New-Christians; Inquisition; Brazilian Culture

